

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

O QUE SE ESPERA NA SALA DE ESPERA?¹ WHAT DO YOU EXPECT IN THE WAITING ROOM?

Karina Gentile Machado Dos Santos², Kenia Spolti Freire³, Taís Linassi Ruwer⁴

¹ Relato de experiência de Estágio em Psicologia e Processos Sociais, desenvolvido pelo Departamento Humanidades e Educação - Curso de Psicologia - UNIJUI

² Acadêmica do curso de Psicologia (UNIJUI). karina.machado777@gmail.com

³ Psicóloga; Professora do Departamento de Humanidades e Educação Curso Psicologia (UNIJUI), Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUI). keniaf@unijui.edu.br

⁴ Psicóloga da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Ijuí); Especialista em Ciência do Movimento Humano (UNICRUZ), Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUI). phronesispsicologia@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este relato aborda a construção de um Projeto a partir da experiência de Estágio em Psicologia e Processos Sociais, junto à APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), na cidade de Ijuí-RS. A APAE caracteriza-se como uma entidade filantrópica que acolhe sujeitos com deficiência intelectual e transtornos do desenvolvimento, público alvo que tem como especificidade o fato de se encontrarem em situação de risco de exclusão e/ou vulnerabilidade social.

A proposta inicial do Estágio convida-nos a realizar o exercício da Observação Participante enquanto técnica de investigação dos processos sociais que se apresentam nos diversos espaços da Instituição. São espaços e tempos vivenciados pelos sujeitos acolhidos, familiares ou cuidadores, e profissionais. A possibilidade de construção deste trabalho aponta ao reconhecimento do sujeito e de sua inserção em uma ordem social, sustentando a legitimidade desta produção na medida em que esta possa ser elaborada em amarragem à sua própria subjetividade; o que permite ao sujeito desdobrar a constituição de seu posicionamento diante da lógica do seu contexto social, com a perspectiva de promoção de alteridade e de construção da cidadania

Ao dar entrada numa Sala de Espera da Clínica Interdisciplinar desta Instituição, nos deparamos com pais que acompanham seus filhos no transcurso dos atendimentos clínicos. Estes (ambos, pais e filhos), por vezes, encontram-se silenciados, questionando-se ou passivos diante das situações e também das patologias com as quais se relacionam. Desdobram sua história de vida perpassada por diferentes demandas, em diferentes momentos do tratamento, em espera de diagnósticos, em expectativa de prognósticos, em espera de consultas e intervenções clínicas; e, por que não citar, em situações de possíveis desistências frente aos investimentos e vacilantes diante do desejo que sustenta a antecipação de um sujeito.

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

Assim, um dos propósitos do Estagiário de Psicologia neste espaço de Sala de Espera é de acolher em escuta clínica em extensão os conteúdos psíquicos que ali se manifestam, sustentando possíveis momentos circulação e operação da palavra como via de possíveis elaborações de angústias e compartilhamento de experiências; com a ocupação de preservar abertura à inscrição das questões e vivências que dizem e legitimam as produções destes sujeitos.

METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho constituiu-se, num primeiro momento, pautado pela inserção na Instituição, com o reconhecimento dos seus processos através da '*Observação Participante*' - importante como instrumento e técnica de observação, investigação, reconhecimento e compreensão do Campo, dando suporte às investigações acerca dos processos que ali se apresentavam.

Com o desdobramento do Projeto de Estágio e a perspectiva de problematização dos elementos reconhecidos, delineou-se e justificou-se a construção de um '*Diário de Campo*', a fim de registrar, evidenciar pontos para análise reflexiva, elaborar compreensões, reconhecer possibilidades de intervenções e produzir escrita sobre a experiência.

Neste contexto de práxis, constitui-se a experiência de '*Escuta Clínica em Extensão*', a qual ampara a possibilidade de reconhecer os processos que incidem ou são articulados por uma determinada população, intervindo em prol do sujeito e da construção da apropriação do seu lugar, das experiências e produções que correspondem à sua existência e as relações que estabelece.

Todo o trabalho que se desdobra no Estágio, faz-se articulado à sustentação teórica-conceitual inerente ao processo de formação acadêmica em transcurso, o qual prevê, além de estudos em Componentes Curriculares, a experiência de '*Supervisão/Orientação acadêmica*' de Estágio, em periodicidade semanal. A '*Supervisão/Orientação acadêmica*' caracteriza-se como espaço de análise e ressignificação da experiência, sustentando a práxis e as intervenções que a ela se articulam enquanto alicerçadas nos aportes científicos da área da Psicologia, na reflexão e na ressignificação das vivências estabelecidas com a população integrante do Campo de Estágio. Destaca-se, ainda, que também é realizado o trabalho de '*Supervisão Local*', este sustentado por profissional integrante da equipe de Psicologia da Instituição.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - Apae de Ijuí, mantida desde 1970, está localizada na Rua São Francisco no Bairro Lulu Ilgenfritz, sendo uma instituição filantrópica (não governamental, sem fins lucrativos), que acolhe sujeitos com deficiência intelectual e transtornos

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

no desenvolvimento com o objetivo de promover-lhes atenção integral e orientação, viabilizando serviços de: Educação; Saúde; Serviço Social; acompanhamento e tratamento psicológico; ações de defesa, de direitos e de apoio às famílias – todas as intervenções com o intuito de lhes propiciar uma melhor qualidade de vida.

Atualmente, a Clínica Interdisciplinar disponibiliza atendimentos para duzentos e vinte e dois usuários, de bebês à idade adulta, vinculados à Instituição. Estes geralmente são acompanhado por seus familiares ou cuidadores. Através da observação e da escuta no decurso da vivência no cotidiano deste espaço, testemunha-se que tanto estes sujeitos-pacientes como seus familiares estão imersos em um contexto de riscos nos quais perpassam questões psicológicas e sociais, tais como: a colagem ao real do corpo, o luto, a fragilidade de vínculos, a vulnerabilidade social e a exclusão.

Uma criança com deficiências aponta a um contraste entre o filho esperado no desejo de seus pais e este que chega, produzindo fraturas importantes nas expectativas subjetivas e narcísicas dos genitores. Esta questão aponta ao aparecimento de um furo narcísico estrutural na função materna, com a possibilidade da deflagração de dificuldades que irão denunciar a hesitação de supor um sujeito na criança que nasceu. Uma questão que surge à escuta neste contexto remete a uma certa colagem ao discurso referente ao real do que se apresenta. Jerusalinsky (2007, p.92) aponta que há, por parte dos pais, aparentemente, a demanda que se orienta no sentido de que seja arrumado o “boneco estragado” do seu narcisismo.

A criança – precioso reduto do narcisismo parental - quando não é normal evoca o real de um modo violento. Diria-se que quase não há palavras para cobrir semelhante buraco. E encontrar-se cara a cara com a castração. Aqui, é onde surgem os véus. Os pais falam, falam de seus desejos de morte, de sua dor, questionam-se sobre como se aproximar da criança. (JERUSALINSKY, 2004, p.296)

O discurso da parentalidade, neste contexto, acaba por denunciar não só questões conflitantes que os atravessam, mas também a maneira como isto poderá se desdobrar e refletir nesta criança desde muito cedo, conforme o endereçamento que se destina (ou não) a ela no circuito de demanda e desejo de seus pais.

[...] pois são os pais que armam com seu circuito de desejo e demanda, a costura, o enlaçamento dos três registros que permite ao filho vir a constituir-se. Muito frequentemente encontramos um apagamento desta articulação entre os diferentes registros temporais em casos de bebês com problemas no desenvolvimento. Quando, diante de tal problema, surge a partir dos pais a formação de “não ter esperanças”, de “não querer fomentar ilusões para depois se desiludir”, ao mesmo tempo em que lhes resulta

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

impossível produzir uma aposta de futuro para o filho, tampouco conseguem produzir uma historização do bebê. (JERUSALINSKY, 2002, p.292)

Também se evidencia na fala dos pais o receio quanto ao olhar do outro sobre o filho, em todos os espaços sociais, inclusive no ambiente clínico - sendo a Sala de Espera também espectro deste ambiente; local de possíveis silenciamentos e evitações. Depreende-se destas considerações de escuta, conflitos inerentes ao desejo, aos pré-conceitos e aos movimentos de exclusão das relações e processos de humanização.

Aqui, constatamos que a escuta do sofrimento e das angústias presentes não se restringem apenas ao setting tradicional de atendimento clínico individual, mas pode ser construído em diversos espaços, como na Sala de Espera, onde se providencie acolhimento e se abra espaço para a fala dos sujeitos que ali se encontram. Como menciona Tourino (2009, apud Echevarria, agosto de 2017, nº268) “[...] não apenas a nossa escuta assume uma dimensão inovadora, mas toda a nossa percepção da realidade” [...], em relação à importância da dimensão da prática da Escuta Clínica em Extensão.

A própria psicanálise, sendo apontada como orientação teórica, sustenta a escuta do estagiário no momento em que respeita a singularidade dos indivíduos neste espaço, autorizando-os à fala e considerando-os como sujeitos de discurso, com sofrimentos que lhes são próprios, com possibilidades de se interrogarem sobre suas questões, sobre sua história e sobre a posição que se encontram frente a isto.

Estar em acolhimento e escuta das possibilidades de falas dos pais remete à sustentação de momentos que possam integrar, junto aos demais espaços terapêuticos, os tempos inerentes aos desdobramentos, deslocamentos e reorganizações subjetivas, em prol da elaboração da experiência de vida e de existência que os acomete; com a perspectiva de ampliação da escuta às (re) significações diante da dor que se instala e acompanha estes 'desencontros'.

[...]. Quando se tem a possibilidade de falar do assunto ocorrem deslocamentos, a rede significativa é tecida, já não se trata somente de um vazio impossível. Daqui surgirá uma criança. Ali, onde os pais confusos e "aos prantos" não sabiam o que fazer, ou temiam dar curso a " fazer algo imperdoável", ali vemos aparecer a possibilidade de uma relação humana, já que se trata de intercâmbio simbólico.

Escutemos. [...] (JERUSALINSKY, 2004, p.297)

01 a 04 de outubro de 2018

Evento: XIX Jornada de Extensão

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta experiência é possível constatar a relevância da existência de trabalho de Escuta Clínica em Extensão e de intervenções em espaços de uma Instituição e, pontualmente, na Sala de Espera - está sendo reconhecida como possível espaço no qual processos psíquicos e sociais se manifestam, se articulam e/ou elaboram.

Podemos pensar este estágio como uma atividade que possui dois eixos que conversam entre si, mutuamente: por um lado, a formação acadêmica - um espaço para aprendizagem, pesquisa e reflexão; por outro lado, nos coloca diante da construção de trabalho em Psicologia enlaçado às demandas articuladas por sujeitos e as condições de sua inserção na esfera social. A escuta, neste contexto, pode se apresentar como uma possibilidade de acolhimento e mediação às palavras que dizem da experiência subjetiva singular e também compartilhada no encontro com o outro.

PALAVRAS-CHAVE: APAE; Processos Sociais; Sujeito; Sala de Espera; Escuta; Psicanálise.

KEYWORDS: APAE; Social Process; Subject; Waiting room; Listening; Psychoanalysis;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECHEVARRIA, R. **Práticas Psicanalíticas: o dualismo entre intensão e extensão.** Correio Appoa. Associação Psicanalítica de Porto Alegre, nº 268, 01 de agosto, 2017.

JERUSALINSKY, J. **Enquanto o futuro não vem. A psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês.** Rio de Janeiro: Ágalma, 2002, p.292.

JERUSALINSKY, A. et.al. A escuta do indizível In: **Psicanálise e Desenvolvimento Infantil. Um enfoque transdisciplinar.** 3 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004, p.295-299.

JERUSALINSKY, A. et.al. A direção da cura do que não se cura In: **Psicanálise e Desenvolvimento Infantil. Um enfoque transdisciplinar.** 4 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2007, p. 89-106.

JERUSALINSKY, A. et.al. Quantos terapeutas para cada criança? In: **Psicanálise e Desenvolvimento Infantil. Um enfoque transdisciplinar.** 3 ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004, p.178-192